

## O percurso da diáspora negra na poesia de Oliveira Silveira

Elisângela Aparecida Lopes <sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo, pretendemos percorrer os textos que compõem a *Antologia poética de Oliveira Silveira*, a fim de analisarmos a diáspora negra enquanto temática e como um movimento construído e requisitado pelo eu poético que o leva à afirmação da negritude.

**Palavras-chave:** Diáspora, Poesia Afro-brasileira, Oliveira Silveira, Identidade Negra.

**Abstract:** *In this article, we analyze the texts of Oliveira Silveira's Poetic Antology, aiming to analyze the black diaspora as a theme and as a construction of the poet that leads to the affirmation of blackness.*

**Keywords:** *Diaspora, Afro-Brazilian Poetry, Oliveira Silveira, Black Identity.*

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa, pela PUC-Minas; Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Minas Gerais; Professora do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas – Campus Pouso Alegre.



*Não que eu não passe.  
Que eu enraíze como a árvore,  
a despedir folhas (folhas verdes)  
no vento que vai para todos os pontos cardeais  
Oliveira Silveira*

A publicação da *Antologia poética de Oliveira Silveira*, em 2010, fruto da união de esforços de seus amigos de jornada, possibilitou-me visualizar o percurso da diáspora negra como temática recorrente na escrita desse poeta gaúcho e afro-brasileiro. Antes de nos determos aos objetivos que sustentam a escrita deste artigo, achamos necessário e fundamental passarmos por outros poemas de Oliveira Silveira, reunidos na referida antologia, a fim de compormos os indicativos do processo da diáspora negra, tema ao qual iremos nos ater.

Em *Germinou*, livro de 1962, podemos perceber a reincidência de temáticas que perpassam a o nascimento ou frutificação da palavra por meio do gênero poético. Nesse livro, as referências aos aspectos que perpassam os processos de produção do ambiente rural são construídos por meio de uma linguagem metafórica que nos permite compreender a idéia da frutificação, já mencionada no título, tanto enquanto processo da natureza, quanto como espaço de construção literária. Sendo assim, germinar cabe às sementes e às palavras. Por isso, a auto-referenciação constante em “dentro do bonde o poeta” e em “não importa, rapaz: / eu vou nas asas da imaginação” (OLIVEIRA, 2010, p.32), indica-nos essa posição do poeta-observador, voz a descrever o que observa, à qual se soma a capacidade poética de reconstruir, ampliar, sentidos poéticos.

Já em *Poemas regionais*, livro de 1968, é possível ao leitor conhecer e até mesmo visualizar o retrato da região sulista brasileira, por meio de descrições que se assentam tanto no aspecto físico-geográfico – a restinga, o vento, os campos – quanto ao seu aspecto cultural mais requisitado: o mate. Ao final do livro, em “Gaúcho negro mateando”, une-se a identidade regional do sujeito poético, metaforizada na erva-mate, à sua condição étnica, indicada pelas águas de sanga



percorridas pelos navios negreiros, o que marca, sobremaneira, a produção poética de Oliveira Silveira, ao longo das publicações seguintes.

É em *Banzo, saudade negra*, publicado em 1970, que a mobilidade espacial do sujeito negro começa a se fazer presente de modo mais incisivo, o que se dá já no primeiro poema intitulado “Parte da crônica”, que será objeto de estudo neste artigo. Tal temática, nos escritos de Silveira, se faz presente tanto na representação do percurso da África aos países escravistas, quanto na rememoração dos tempos vividos em terras africanas, entendida como origem, porto materno, o que indica o desejo de retorno.

Em *Décima do negro peão*, de 1974, tem-se a errância de um peão negro pelos pampas gaúchos. No livro seguinte, *Praça da palavra* (1972), como já indicia o próprio título, observamos uma construção política da linguagem, já que os poemas tematizam os contrastes sociais, as eleições, e também, neles, se percebe um posicionamento do eu poético ao realizar críticas à política. Outro aspecto relevante deste livro é o questionamento metalingüístico do eu lírico de alguns poemas quanto ao seu papel diante dos cenários apresentados, mas também quanto ao seu destino.

O livro *Pêlo escuro*, datado de 1977, associa a condição étnica às questões regionais ao apontar ao leitor as ações dos negros no Rio Grande de Sul, o que engloba tanto o trabalho braçal na lavoura quanto o posicionamento e luta política na Guerra dos Farrroupilhas. Nesse livro ainda se destaca o uso de expressões de origem africana – tal como “querência”. Tais aspectos parecem ter sido sintetizados por Oliveira Silveira no poema “Negro no sul”. Ainda em *Pêlo escuro* chama a atenção a reincidência da analogia entre os desígnios do sujeito negro sulista e do boi, nos vários poemas que tematizam ou referenciam a charqueada.

Em *Roteiro de tantãs*, publicado em 1981, Oliveira Silveira parece passear/rastrear os espaços habitados pelos sujeitos advindos da diáspora negra, o que nos indica um percurso não só geográfico, mas também de formação da consciência negra. Tal panorama pode ser reconhecido pela leitura dos poemas que retratam os deslocamentos dos africanos, como “Let my people go”; pela consciência do eu lírico da sua lacuna advinda da desterritorialização, que se manifesta no resgate



de uma mãe África. Posteriormente percebemos a identificação do desejo de se resgatar e de promover associações de identidade por meio de elementos externos, como ocorre em “África” e “Ancestral”, mas também pela busca de suas origens culturais, a exemplo de “Elo” e “Encontrei minhas origens”, conforme veremos adiante.

Da leitura da *Antologia poética de Oliveira Silveira* é possível estabelecer um caminho temático que nos permite observar aspectos relacionados à diáspora negra. Do grego, tal termo remete à idéia de viagem, dispersão. Na Bíblia, conforme destaca Cortes (2010), a palavra é mencionada para fazer referência à dispersão dos judeus exilados da Palestina depois da conquista deste espaço pela Babilônica. Além dos judeus, a diáspora também pode se referir ao movimento de dispersão dos negros do continente africano, em virtude do tráfico negreiro, levados para o Novo Mundo.

Ainda conforme aponta Cortes (2010), tal conceito, analisado sob a perspectiva da dispersão dos negros africanos, já foi abordado por alguns teóricos. Paul Gilroy (2001, p. 382) associa esses contextos à “ideia de exílio, dispersão e escravidão”. Já Nei Lopes (2004, p. 236), por exemplo, na *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*, acrescenta que o termo “serve também para designar, por extensão de sentido, os descendentes de africanos nas Américas e na Europa e o rico patrimônio cultural que construíram”.

Nessa concepção atual do termo, a diáspora evidencia o fluxo e o refluxo intercontinental existentes. Inspirado na desterritorialização deleuziana e na não-linearidade da física contemporânea, Paul Gilroy define o *Black Atlantic* como uma formação rizomática e fractal, posicionando-se contra as ideias sobre a integridade e a pureza das culturas, o absolutismo étnico. Assim, a presença do sujeito diaspórico pode quebrar o discurso determinante de uma cultura que se considera homogênea, porque questiona relação entre identidades e pertencimento.

Tal movimento, então, em virtude da existência da escravidão em diferentes países ao redor do globo, levou os africanos a se fazerem presentes em diferentes nações, das quais assimilou a cultura e nelas reafirmou a presença da cultura africana. Sendo assim, historicamente, foram estabelecidos pontos de conexão entre os sujeitos localizados em diferentes nações o que permite um novo sentido para o que chamamos de identidade cultural.



A pós-modernidade e todos os processos tecnológicos que a marcam encurtaram a distância entre essas nações e, portanto, aproximou, no campo ideológico, imagético, os homens e mulheres provenientes do movimento da diáspora. Os processos de identificações desses indivíduos apresentam também similaridades, o que tem ainda mais aproximado, por exemplo, os escritores de origem africana espalhados pelo mundo. Por outro lado, a crítica literária também tem se encarregado dessas conexões ao comparar as produções literárias de sujeitos negros de distintas nacionalidades.

Nosso objetivo neste artigo não se fundamenta na comparação, mas sim na visualização dessa temática e dos desdobramentos dela na produção literária de um poeta brasileiro, gaúcho e negro. Essas identidades múltiplas, conforme aponta Hall (2003), são requisitadas pelos indivíduos a depender do papel ou função que ocupam.

Em se tratando da poesia de Oliveira Silveira, essas identificações somam-se na construção de uma voz poética diferenciada, em contexto brasileiro, mas que ainda assim se assemelha a outras vozes que, por meio da literatura, também se debruçam a retratar os assuntos relacionados à negritude: quer seja no passado, ou na condição ocupada no presente. O clamor por essas outras vozes negras que se fazem presentes em outros espaços geográficos fica evidente nos poemas de Silveira e constitui o que Edouard Glissant (2006), partindo do conceito de rizoma de Deleuze e Gatarri, postula como “crioulização” das Américas, e indica a formação de identidades rizomáticas que se constroem a partir de rastros/resíduos por meio da língua e manifestações culturais requisitadas pelos sujeitos dispersos. Na produção de Oliveira Silveira, esse percurso que vai da dispersão à formação da identidade será o nosso objeto de estudo. Quanto à temática da diáspora e das construções rizomáticas na literatura brasileira, Arruda (2008, p. 38) elucida que

Muitos autores afro-brasileiros confirmam esse novo pensamento sobre a diáspora negra e trazem para sua literatura marcas dessa memória coletiva que é, para eles, uma espécie de motor da narrativa ou da poesia. Através de metáforas como a do navio negreiro, insígnia da mediação do sofrimento do povo africano, ou da viagem como motivo e objeto de reflexão sobre a diáspora, esses autores tecem sua literatura suplementando, no sentido derrideano do termo, a literatura canônica e parodiando-a também.

Tendo em vista o objetivo de analisar a temática da diáspora nos poemas de Silveira, quer seja entendida como processo de deslocamento espacial, ou como



elemento motivador de um movimento histórico-identitário da negritude, fez-se necessária a escolha de um corpus poético mais delimitado, composto dos seguintes poemas, presentes na *Antologia poética de Oliveira Silveira*, que serão analisados ao longo deste ensaio: “Parte da crônica”, de 1970, no qual o poeta reivindica um novo olhar sobre a história da escravização; “Sou”, de 1977, poema que aponta a multiplicidade de identidades do sujeito negro como consequência da diáspora; “Vozes”, que apresenta o reconhecimento das vozes dos sujeitos da diáspora; “Let my people go”, de 1981, na qual há uma errância como escolha; “Alô”, no qual há o reconhecimento espacial desses sujeito o reconhecimento espacial; e “Encontrei minhas origens”, em que há afirmação da negritude.

O poema “Parte da crônica” abre a publicação de *Banzo, saudade negra*, livro de 1970. Nesse poema, verificamos a atribuição do dever e direito de narrar a história dos negros brasileiros a aqueles que, como o poeta, são dela conhecedor e deles descendentes. O título do poema indica-nos que aquilo que será relatado, como aspecto cotidiano em tempos idos, é uma parte, outro viés, da História oficial.

Nesse poema, temos a presença de dois sujeitos poéticos, duas vozes que irão revezar a rememoração e o relato dos fatos que envolvem a escravidão dos negros e, conseqüentemente, a condição diaspórica destes. O que se faz inovador, nesses versos, é a personificação dos espaços geográficos percorridos na travessia dos sujeitos negros do continente africano rumo a outras localidades, já que, mais de uma vez, o eu lírico se configura como um espaço personificado: as costas d’África, o Oceano Atlântico, o rio Mississipi, os cais do porto e os logradouros; as lavouras americanas, antilhanas e brasileiras. Esses espaços funcionam como testemunhas às quais cabe relatar, respectivamente, a vida em África, a travessia, a chegada em terras escravas, o trabalho rural. Nessas estrofes, há o que podemos designar como eu lírico-testemunhal já que ele é o *griot*, o contador de histórias habilitado a fazê-lo, por que a testemunhou. Sua presença se concretiza nas estrofes iniciadas com travessão. Há ainda, a presença de um eu lírico encarregado de ensejar a lembrança e o relato do outro eu poético, que podemos identificar como eu lírico-memorialista e que se faz presente na primeira estrofe dos pares que compõem o poema.

Nos versos que compõem o referido poema, vemos o foco do ato de contar do eu lírico-testemunhal voltado para a perda da condição humana: livres na África;



aprisionados pelos grilhões e chibatadas; mortos no navio e lançados ao mar (o que no poema é retratado de maneira positiva, ao se comparar o oceano à placenta); sem rumo conhecido na imensidão das águas; desamparados, mas tendo a imaginação como instrumento de fuga; reduzidos ao corpo e comercializados; levados às lavouras de diferentes nações para produzir a riqueza destas. Sendo assim, as duas vozes líricas se somam a fim de revelar um outro ponto de vista sobre a história da escravidão dos negros africanos, contada pelos lugares por eles percorridos no percurso que tem a África como ponto de partida e o Brasil, as Antilhas e os Estados Unidos da América como pontos de chegada.

A fim de percorrermos o caminho indicativo da história da diáspora negra na poesia de Oliveira Silveira, faz-se importante ressaltar o poema “Sou”, publicado em *Pêlo escuro*, de 1977. Apesar do aspecto individual a que faz referência o título, percebemos o desdobramento temporal e étnico-identitário do sujeito: na primeira e na segunda estrofes, encontramos verbos no passado a designar identificações metonímicas, já que reduzem o sujeito aos instrumentos que indicam a ocupação social deste. Essas imposições encontram-se associadas ao trabalho escravo: “Já fui remo, fui enxada / e pedra de construção; / trilho de estrada-de-ferro, / lavoura, semente, grão.” (SILVEIRA, 2010, p.110) Já na segunda parte do poema, vê-se o uso de verbos no presente que indicam as escolhas identitárias dos sujeitos negros livres, das quais destacamos a auto-referenciação ao próprio poeta, o que indica a metalinguagem: “Meu canto é faca de charque / voltada contra o feitor, / dizendo que minha carne / não é de nenhum senhor”. (SILVEIRA, 2010, p. 110). A associação entre a condição corpórea do negro e o gado de corte aparece nesse poema e, conforme já mencionamos, faz-se freqüente na poesia de Silveira, indicando a junção de sua identidade gaúcha e negra. Além disso, destaca-se a importância da palavra, da poesia, enquanto instrumentos de afirmação e resistência.

Em “Vozes”, poema publicado em *Roteiro dos tantãs*, de 1981, observamos que o reconhecimento entre os sujeitos negros se dá pela palavra, e pelo poder que esta ocupa, conforme vemos no poema abaixo:



Vozes

Roucas quentes fortes vozes  
vivas vozes  
chamaram meus irmãos poetas  
mar a fora  
porto a dentro  
e todos responderam  
- sim !  
Longes vozes chamaram  
na voz do vento leste  
nas correntes marinhas  
nas veias sanguíneas  
no tantã dos trovões  
e meu coração tantã  
respondeu

- Aqui estou!

(SILVEIRA, 2010, p.117)

Essas vozes oriundas de outros sujeitos da diáspora – outros poetas – se propagam por meio dos elementos da natureza e vão adentrando espaços distintos, assim se unem em um diálogo (poético)-étnico. É pela afetividade e pelo reconhecimento da ancestralidade – que se manifesta no sangue – que essas vozes se unem e esses sujeitos se reconhecem e se identificam. Ao responder a esse chamado, o eu poético estabelece, então, conexões entre essas vozes dispersadas, o que aponta para a concepção de rizoma, já que se deseja uma conexão entre essas vozes a fim de que cantem o mesmo canto. O grito poético do eu lírico deste poema de Silveira ocupa função semelhante à postulada por Glissant (2006), ou seja, reunir a comunidade à qual o sujeito se liga e formar uma identidade rizomática.

Em “Let my people go”, tem-se o deslocamento geográfico como um desejo do eu lírico e dos seus irmãos de cor, movimento que é barrado por empecilhos sociais. Assim, o eu poético solicita essa errância, que o povo negro se junte “pelas longas estradas / de mãos dadas”, a protestar, a ocupar seus espaços sociais, mesmo que separados pelo racismo. A indicação a esta temática, bem como o título do poema, permite-nos ler esse texto como uma alegoria à segregação racial norte-americana, por exemplo. O eu lírico destaca que mesmo sendo segregado internamente, quer seja nos EUA, ou na África do Sul, a união entre os povos negros é inevitável, necessária e temida, por isso o imperativo que abre o poema: “Deixem meu povo ir”. (SILVEIRA, 2010, p. 126)



Em alguns poemas de *Roteiro dos tantãs*, é possível ainda confirmar a questão da retomada das localidades de chegada dos diaspóricos, a exemplo dos poemas “Em Cuba”, “Antilhas” e “Haiti”. Essa referenciação espacial, que se fundamenta em um processo de reconhecimento de identidades e recolha destas, fica ainda mais evidente em “Alô”:

Alô Guianas  
Surinam  
Colômbia  
Todamérica  
nossos tambores  
de cale e couro  
e som de cerne  
se saúdam  
fraternos

(SILVEIRA, 2010, p. 127)

A princípio, o eu lírico requisita as nações de “Todamérica”, palavra que assim grafada já aponta para a idéia de unidade que se fundamenta na negritude. Posteriormente, há referência aos tambores, enquanto elemento da cultura negra, por meio dos quais os sujeitos dessas localidades se saúdam em forma de música, batuque, como irmãos que são. Já em “No mapa”, poema publicado em *Roteiro dos tantãs*, Oliveira Silveira aponta de forma cartográfica a distribuição do povo negro no Brasil e a influência cultural e religiosa advinda dessa dispersão: “Pelo litoral / ficou / de norte a sul / nagô. / Ficou no Recife: / xangô. / Na Bahia ficou: / candomblé. / No Rio Grande é o quê? / - Batuque tchê (...)”. (SILVEIRA, 2010, p. 131) Em ambos os poemas, têm-se a construção do rizoma, já que a identidade negra requisita o encontro de outras raízes espalhadas em outras partes do mesmo país ou em nações distintas.

Já o poema “Elo”, publicado no mesmo livro, indica a relação de sustentação do eu poético, já que este se encontra ligado à África, o que confirma a necessidade de retomada das origens e o aspecto rizomático de que falamos, já que é do cordão umbilical ligado à África que o eu lírico se alimenta poeticamente.

Esse reconhecimento coletivo, e a elevação da condição individual e cultural dele proveniente, abre espaço para a valorização e reconhecimento da individualidade negra, conforme tematizada no conhecido poema “Encontrei minhas origens”, que, apesar de conhecido, será aqui transcrito:



Encontrei minhas origens

Encontrei minhas origens  
em velhos arquivos  
livros  
encontrei  
em malditos objetos  
troncos e grilhetas  
encontrei minhas origens  
no leste  
no mar em imundos tumbeiros  
encontrei  
em doces palavras  
cantos  
em furiosos tambores  
ritos  
encontrei minhas origens  
na cor da minha pele  
nos lanhos de minha alma  
em mim  
em minha gente escura  
em meus heróis altivos  
encontrei  
encontrei-as enfim  
me encontrei

(SILVEIRA, 2010, p. 118-119)

Nesse poema, que aponta metonimicamente o percurso de interpretação construído neste artigo, vê-se o trajeto em busca do reconhecimento e formação da identidade do sujeito negro. A princípio, a identificação do eu poético se dá com os objetos do passado que remetem ao sistema escravista: os livros, os troncos e grilhetas, o que indica a referência à construção da identidade histórica. Posteriormente, vê-se o resgate da diáspora negra como nova fase desse processo identitário, ao se referir ao mar e ao tumbeiro. Já em um terceiro momento, o canto e os tambores, enquanto símbolos da cultura africana, agregam-se à personalidade do sujeito lírico, indicando o resgate como forma de resistência da cultura negra em países estrangeiros. Nos próximos versos, o processo de identificação se assenta no reconhecimento dos aspectos físicos do sujeito – na cor da pele e nas marcas do corpo –, na identificação de semelhantes e na recuperação de uma imagem altruísta dos sujeitos negros, ao se referir aos heróis de sua gente. É desse percurso de identificações múltiplas que nasce a identidade, quando o eu poético encontra-se consigo mesmo.



O poema “Encontrei minhas origens” representa metonimicamente o percurso realizado por nós neste artigo, tendo como referência os poemas de Silveira, no que se refere ao processo identitário dos sujeitos negros. Assim, vemos que a busca do passado e a ressignificação deste torna-se o primeiro passo dessa formação identitária, tanto no poema em questão, quanto no revisionismo em que se assenta o poema “Parte da crônica” (1970). O eu poético ao mencionar os tumbeiros e o mar, no poema em questão, remete-nos, ainda, ao poema de 1970, no qual o eu lírico-memorialista requisita ao eu lírico-testemunhal, que se divide em várias vozes-lugares, que conte o percurso da diáspora negra, dando a este um novo sentido, já que os lugares personificados auxiliam o eu poético a reconstruir sua história/trajetória. A importância do canto e dos símbolos culturais africanos neste último poema aponta o poema “Vozes”, já que pelo som – dos tambores ou da poesia – dá-se o reconhecimento e a conexão entre as vozes dispersas.

Como processos internos de formação identitária tem-se ainda o reconhecimento do próprio corpo, do corpo dos seus irmãos de cor e da simbologia dos heróis negros a apontar a consciência da diáspora, conforme também se faz presente em “Alô” e “No mapa”, como processo a certificar essa identidade rizomática. Do movimento dentro/fora no qual se pauta a formação da identidade negra, o eu lírico sintetiza a identificação dessas raízes dispersas e as conecta em si mesmo: “Encontrei-as enfim / me encontrei” (SILVEIRA, 2010, p.119), apontado que o reconhecimento das lembranças e marcas étnicas é a condição do reconhecimento e valorização de si mesmo, da formação da identidade negra.

Portanto, pode-se dizer que o desejo de enraizamento e de dispersão que se faz presente no poema que serve de epígrafe a este artigo se concretizou na produção poética de Silveira, tanto no que se refere a esse percurso diaspórico em sua obra, quanto no que tange à proliferação de folhas/palavras que se juntam e são levadas pelo vento a lugares inimagináveis.



## Referências Bibliográficas

- SILVEIRA, Oliveira. *Antologia poética de Oliveira Silveira*. Porto Alegre: Evangraf, 2010.
- CORTES, Cristiane Felipe Ribeiro de Araújo. *Viver na fronteira: a consciência da intelectual diaspórica em Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves*. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.
- ARRUDA, Aline Alves. *Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um Bildungsroman feminino e negro*. (Dissertação- Mestrado em Teoria da Literatura) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.
- BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*. Trad. Cid Knipel Moreira. UCAM: 2001.
- GLISSANT, Edouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende [et al], 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

Aceito em 28/01/2014.